

**Arquitetura, técnica e contexto:
o canteiro e a produção habitacional
no Brasil (1960-1990)**

Jonas de Campos Azevedo¹
Orientadora: Profa. Dra. Joana Mello
Pesquisa de Iniciação Científica
desenvolvida entre 2011-2012 com
financiamento do Núcleo de Pesquisa
da Escola da Cidade

A pesquisa aqui apresentada buscou analisar os processos de racionalização da construção civil no campo da habitação social no Brasil, da década de 1960 até meados da década de 1990. Em função do interesse em analisar as possibilidades de síntese entre as técnicas e os sistemas construtivos populares, os materiais locais e os processos de racionalização da construção, adotamos uma perspectiva historiográfica capaz de situar criticamente o conjunto de projetos estudados. Buscamos, com isso, entender como os processos de racionalização da técnica popular podem levar à produção de modelos habitacionais coerentes com os contextos onde estão inseridos. A estrutura geral do trabalho ancora-se em dois períodos de análise. Primeiro, entre as décadas de 1960 e 1980, foram analisados projetos de cinco arquitetos brasileiros – sendo um deles o trio *Arquitetura Nova* – sob enfoque do contexto histórico e das obras e projetos representativos para o objeto de pesquisa. No segundo período, entre 1980 e 1990, três projetos foram escolhidos a partir da análise da mudança na produção habitacional, enfatizando possíveis rupturas e continuidades quanto às formas de gestão do canteiro de obras e meios construtivos da casa popular.

Palavras-chave: Arquitetura brasileira, técnica, habitação social.

**Architecture, technique and
context: the construction site
and housing production in Brazil
(1960-1990)**

The research presented in this article sought to study the process of rationalization of construction systems in the social housing field in Brazil, from early 60's to middle 90's. Interested in analyzing the possibilities of synthesis between popular techniques, construction systems, local materials and rationalization processes we embraced a historiographic perspective in order to scrutinize the object from a critical point of view. The hypothesis, therefore, was to understand how the processes of rationalization of popular technique can provide a housing production coherent with the context where it is placed. The research's structure is based on the division in two periods of analysis. The first between 1960 to 1980, where five Brazilian architects were studied – trio *Arquitetura Nova* being one of them – focusing on historical context, buildings and projects relevant for the object studied. In the second period, between the 80's and the 90's, three projects were chosen as to show a change in housing production, highlighting possible ruptures and continuities concerning the management of construction site and constructive techniques used for social housing.

Keywords: Brazilian architecture, technique, social housing.

**Arquitetura, técnica y contexto: el
sitio de construcción y la producción
de viviendas en Brasil (1960-1990)**

La investigación aquí presentada pretendió analizar los procesos de racionalización de la construcción civil en el área de la habitación social en Brasil, desde la década de 1960 hasta la mitad de la década de 1990. En razón del interés analizar las posibilidades de integración entre las técnicas y los sistemas constructivos populares, los materiales locales y los procesos de racionalización de la construcción, elegimos una perspectiva historiográfica que pudiese situar de forma crítica el conjunto de proyectos a estudiar. Intentamos con esta propuesta comprender de qué forma los procesos de racionalización de la técnica popular pueden resultar en la producción de modelos de habitación en conformidad con el contexto en el cual están insertados. La estructura general del estudio se fundamenta así en dos etapas de análisis. En primer lugar, entre las décadas de 1960 hasta 1980, han sido analizados proyectos de cinco arquitectos de Brasil – entre ellos en el trio *Arquitetura Nova* – a partir del énfasis en el contexto histórico y de las obras y proyectos importantes para la investigación. Del segundo período, desde 1980 hasta 1990, se eligió tres proyectos desde el punto de vista del cambio en la producción habitacional, destacando las posibles rupturas y continuidades en relación a la administración del sitio de construcción y los medios constructivos de la vivienda popular.

Palabras-clave : Arquitectura brasileña, técnica, vivienda social.

1. Mosaico de cacos: a arquitetura brasileira entre o canteiro e a prancheta

Esta pesquisa nasceu do interesse em investigar a relação íntima entre arquitetura e construção. No limite, verificar as possibilidades da arquitetura como construção. A fratura entre o “pensar” e o “fazer” – patologia instalada na maioria das escolas de arquitetura do país – foi tomada como uma questão estrutural para esta pesquisa, um “vício de origem”. Desta perspectiva, lançamos algumas hipóteses que determinaram o objeto da pesquisa e uma metodologia guiada pelo estudo de um grupo de arquitetos brasileiros atuantes entre as décadas de 1960 e 1990. Retomando o material acumulado e decantando algumas reflexões, é possível entender o *leitmotiv* da pesquisa. O ânimo de correr o risco em um território teórico novo fez pontes entre arquitetos que, de nosso ponto de vista, tinham inúmeras aproximações. A pesquisa, porém, não caminhou no sentido da compreensão autoral das obras estudadas, isto é, não interessava buscar um leque de afinidades eletivas dentro de um “grupo”, mas em compreender o contexto mais abrangente da arquitetura brasileira que, a partir dos anos 1960, seria capaz de criar alternativas de inserção do arquiteto no canteiro de obras.

O ponto de partida da análise foi a arquitetura brasileira na cena nacional-desenvolvimentista, momento em que a construção da nova capital representava um ícone da “nova arquitetura”. Olhados à contrapelo, os anos JK mostram frestas de um país arcaico, empacado numa dialética truncada, muito bem definida pelo sociólogo Francisco de Oliveira: “introduzindo relações novas no arcaico e reproduzindo relações arcaicas no novo” (OLIVEIRA, 2003, p.60). O argumento de Oliveira permitiu situar o objeto da pesquisa de um ponto de vista mais amplo. O tema da habitação e da autoconstrução, vale a nota, foi também objeto das pesquisas do sociólogo pernambucano juntamente com Sérgio Ferro, Rodrigo Lefèvre e Mayumi de Souza Lima. A escolha de uma geração de arquitetos brasileiros não poderia ser, portanto, “casual”. É lastreada em boa medida pelas pautas do SHRU - Seminários de Habitação e Reforma Urbana, criado em 1963, culminando, com o golpe militar no ano seguinte, para uma bifurcação – “cisão e comprometimento”.

A nata da arquitetura brasileira participa do Seminário de 1963: Vilanova Artigas, Joaquim Guedes (coordenador), Acácio Gil Borsói, Sérgio Ferro, Rodrigo Lefèvre, Eduardo Kneese de Mello, Lina Bo Bardi, entre outros. Um setor parece mais afinado à “grande industrialização” prometida pelo projeto nacional-desenvolvimentista. Por outro lado, trajetórias que escaparam às formulas arquitetônicas mais ortodoxas começavam a pensar por um outro viés o tema da moradia e dos meios construtivos arraigados. O quadro político a partir de 1964 não deixava brechas, instaurando no BNH um sistema estatal centralizador, de caráter retrógrado e autoritário para o exercício da profissão.

Cisão e comprometimento formam um par cuja síntese é difícil de ser tratada como um “modelo teórico”. A ruptura de 1964 desarticula o projeto nacional de industrialização da construção, conforme pensado pelo “grupo de 1963”, gerando a partir daí um nexos tenso na relação entre arquitetura e Estado. A síntese difícil desse par se refere, primeiro, aos arquitetos que se mantêm diretamente atrelados a administração pública, mas vão de alguma forma criar mecanismos de projeto que ecoam os sistemas industrializados. São exemplares neste sentido o canteiro experimental de Naranjiba, à cargo da construtora Alfredo Mathias, e o Conjunto Zezinho Magalhães Prado, o Parque CECAP de Artigas, que mesmo construídos através de sistemas construtivos tradicionais, apontavam no grau de detalhamento do projeto a crença na industrialização da arquitetura.

Por outro lado, esta síntese não fecha um círculo homogêneo entre os arquitetos remanescentes de 1963. A cisão do golpe deflagra o comprometimento em torno das grandes pautas do SHRU – sobretudo o tema da habitação e dos sistemas de racionalização da construção. Um “mosaico de cacos”, por outra via, se forma a partir de arquitetos que escapam aos meios ortodoxos vinculados as demandas estatais. Claramente focados em pensar/construir uma arquitetura contextualizada a partir do canteiro de obras, dos materiais, dos trabalhadores – evocando deles inclusive formas lúdicas de cooperativas autônomas – articula-se, a partir de uma nova geração, o questionamento do próprio ofício.

A partir dos escritos, obras e projetos dos cinco arquitetos referenciais da pesquisa – sendo um deles o trio Arquitetura Nova – não cogitamos em nenhum momento que



Figura 1. O primeiro protótipo de Villà – a “casinha da Unicamp”
Fonte: VILLÀ, 2005.

esta “outra arquitetura” pudesse formar uma unidade homogênea. Ao contrário, a diversidade de propostas formuladas apontava para uma síntese possível entre processos de industrialização e a racionalização das técnicas construtivas populares. O “canteiro-escola” de Rodrigo Lefèvre; os “mocambeiros” de Cajueiro Seco; a arquitetura da caatinga, desenhada por Joaquim Guedes em Caraíba; os estudos exaustivos de Lina Bo Bardi sobre a técnica artesanal no Nordeste; e as fábricas de “invenção tecnológica” de Lelé, todos se opõem, a partir de 1964, ao projeto tecnológico e habitacional do BNH.

Este vínculo “intelectual” entre as obras de Lina Bo Bardi, Joaquim Guedes, Acácio Gil Borsói, o grupo Arquitetura Nova e Lelé, porém, não é tarefa fácil. Muitas vezes vistos como “feudos”, suas obras esbarram em ideologias que parecem obstruir relações recíprocas de uma geração de arquitetos que buscou alternativas aos entraves da industrialização brasileira. Conforme o ângulo de análise, este “grupo” forma duplas ou trios, uns se aproximam, outros se afastam. Quando mudamos nossa lente de análise, encontramos, sob o aspecto da arquitetura construtiva, paralelos e divergências entre os projetos. Não existe uma “fórmula explicativa”, tampouco um vínculo consensual, mas parece claro um certo afastamento desses arquitetos em relação à ortodoxia do movimento moderno – sua arquitetura desenvolvimentista – e um certo “mal-estar” com uma arquitetura do desenho industrial distante das condições reais de sua produção.

Parecia tentador compreender este mosaico, ainda que correndo o risco de um estilhaçamento. A justificativa, insisto, não é de assumir um caráter autoral ou monográfico, mas uma hipótese sobre uma certa arquitetura construtiva que, a partir de Brasília, olha para os fluxos migratórios chegando aos grandes centros urbanos e, deles, repensa o fazer arquitetônico. Os anos 1960 e 1970 escancaram o tema do trabalhador, dos migrantes da seca que chegam ao centro-sul como peões da construção civil². Esta realidade é percebida por esse “grupo” de arquitetos que, em diferentes contextos, buscam alternativas de inserção da cultura popular no campo construtivo da arquitetura. Esta foi uma das gratas descobertas da pesquisa que, reunindo trechos de entrevistas, fotografias, filmes etc, revela-

va o peso dado por estes arquitetos ao tema do trabalho e do trabalhador. O sertanejo que manuseia as técnicas artesanais foi objeto dos estudos da arquiteta Lina Bo Bardi, e era a base do país moderno. Para Acácio Gil Borsói e para Joaquim Guedes não foram menos importantes. O “homem da caatinga” para Guedes ou os “mocambeiros” de Cajueiro Seco, para Borsói, foram tomados como herdeiros da boa tradição, a partir da qual deveria nascer a nova arquitetura que, assim, aproveitaria as virtudes técnicas e espaciais da casa brasileira.

Lelé é o arquiteto mais arraigado aos caminhos da industrialização da construção. Desde a criação do CEPLAN, em Brasília, com Darcy Ribeiro, até a pequena Fábrica de Abadiania, no interior de Goiás, passamos a lente sobre projetos e entrevistas que rechaçam o senso-comum da assepsia técnica. Pelo contrário, as fábricas de Lelé são indutoras de criação e transferência tecnológica, e, nos casos específicos estudados³, criticam duramente a ortodoxia técnica, priorizando na fábrica e no canteiro sistemas cooperativos de trabalho. É o trabalho e o trabalhador, a inserção do arquiteto no canteiro de obras e o seu papel mediador, que aproxima e, ao mesmo tempo, distancia Lelé do trio Arquitetura Nova. Para Sérgio Ferro, Rodrigo Lefèvre e Flávio Império o protótipo da casa popular brasileira deveria vir dos processos de racionalização da manufatura, do emprego de uma materialidade – linguagem – corrente, capaz de sintetizar as técnicas construtivas populares. Não é, porém, uma racionalização construtiva *per se*, mas um novo programa para arquitetura brasileira, uma estética chamada “poética da economia”:

Assim é que do mínimo útil, do mínimo construtivo e do mínimo didático necessários, tiramos as bases de uma nova estética que poderíamos chamar de poética da economia, do absolutamente indispensável, da eliminação de todo supérfluo, da economia de meios para formulação da nova linguagem, para nós, inteiramente estabelecida nas bases da nossa realidade histórica. [FERRO; LEFÈVRE apud KOURY, 2003, p.61]

A poética da economia, porém, não se confunde com apologia ao miserabilismo. É uma crítica aos processos de produção proto-industriais e aos meios de coerção do trabalho no canteiro. O mínimo útil, o mínimo construtivo e o

mínimo didático deveriam dar conta de ensinar a construir, por meio de sucessivos ensaios, a moradia popular do país. Os ecos da Arquitetura Nova são flagrados, por um outro viés, na obra de Lina Bo Bardi, sobretudo nos projetos da década de 1970 e início dos anos 80 onde parece clara a sua postura de “projetar *in loco*”, assumindo os riscos e apostando na poética da mãos e materiais no canteiro. A pequena cooperativa rural de Camurupim, em Propiá, Sergipe, e a Igreja Espírito Santo do Cerrado, em Uberlândia, foram as obras estudadas.

O ensaio dos processos construtivos, a opção pelo material mais racional àquele contexto e o caráter didático na relação entre arquiteto e trabalhador são indícios de uma “arquitetura feita por dentro”. O diálogo com a cultura popular, guardião de um “saber fazer”, sustenta a hipótese de uma nova arquitetura. No caso do “canteiro-escola” de Rodrigo Lefèvre a mediação com o popular ocorre olhando para a realidade do migrante que chega na metrópole e precisa entrar no sistema produtivo. A proposta do arquiteto é verificar o contexto de adaptação deste migrante à periferia da grande cidade, apontando na direção de uma arquitetura baseada na racionalização da técnica popular. Para Lina a hipótese de um “ateliê-canteiro” indica, por outro lado, uma matriz de racionalidade do fazer popular, fruto da necessidade na economia de meios e materiais para construção da casa. Neste sentido, ambos buscam que o trabalhador se aproprie da tecnologia, numa arquitetura mais voltada aos meios de produção e às possibilidades criativas intrínsecas ao canteiro de obras.

As cinco trajetórias estudadas na primeira parte da pesquisa – de 1960 a 1980 – parecem formar um trançado difícil de costurar, porém muito rico do ponto de vista das relações semânticas e dos programas para a arquitetura brasileira. Impossível não apontar a distância das fábricas de Lelé, sua industrialização leve em argamassa armada, das demais experiências. O lugar, a escala, os meios construtivos não ortodoxos e os sistemas de cooperação, porém, fazem a ponte com experiências tão “frágeis” quanto encantadoras como Cajueiro Seco. “Fragil” no sentido mais humano do termo, como também parecem ser as casas de platibanda caiada de Caraíba, desenhadas por Joaquim Guedes. A “cidade aberta”, como se referia Guedes sobre o

projeto, constitui o caso “particular” da pesquisa. Joaquim Guedes não deixa rastros participativos no canteiro de obras. Por outro lado, atua como um interprete do lugar, tem nexos evidentes com Lina ao abordar o “desenho antropológico da casa” (GUEDES, 1981), relê as casas do sertão com a mesma delicadeza e inteligência de Borsói.

Como se vê não há frestas aqui para os “ismos” das correntes arquitetônicas ou formas de classificação. O nosso interesse foi outro. A proposta inicial de uma pesquisa sobre o próprio objeto-ofício da profissão – desenhar/construir – levou a uma metodologia ancorada na história. Em última análise passa a ser o “sentido da formação” (ARANTES; ARANTES, 1997) o produto do mosaico de arquiteturas estudadas entre as décadas de 1960 e 1980. Parece menos importante neste sentido as pequenas trincas ao invés da análise historiográfica dos escritos, projetos e obras que levam à formação de “outras arquiteturas” entrelaçadas, considerando o contexto de formação da nova arquitetura. Este é o ponto de chegada. Em que medida os cinco arquitetos referenciais da pesquisa ajudam a ver continuidades e rupturas no período seguinte – anos 80 e 90? Três projetos foram escolhidos neste segundo período, buscando manter os nexos com o objeto da pesquisa – a habitação, os processos de racionalização da construção, a técnica popular, o papel mediador do arquiteto. A história, porém, parece guiar os caminhos alheios à arquitetura. Discutimos através das utopias da realidade e das vanguardas da periferia as imbricações da história.

2. Utopias da realidade

Se é verdade que a história, aqui, é antes um “processo” para se chegar ao objeto de estudo, então a metáfora de Carlo Ginzburg parece oportuna ao buscar o “fio e os rastros” do tempo (GINZBURG, 2007). A engrenagem de dois períodos de estudo, a princípio bastante simplificada em “continuidades e rupturas”, não deixa passar o “detalhe revelador” nem as “raízes” a que se refere Ginzburg. Era no prumo de um outro fazer arquitetônico, um fazer que acreditava na inserção do arquiteto no canteiro de obras e na formação dos processos construtivos em cooperação com o trabalha-



Figura 2. Associação por Moradia de Osasco – COPROMO: modulação, racionalização e industrialização. Um salto possível? Fonte: foto do autor, 2009.

dor, que a diversidade de trajetórias pesquisadas parecia construir um sentido notável. Entre 1960 e 1990, impossível não perceber a cisão política como um marco regulatório da pesquisa, isto é, o viés contextualista dessa arquitetura precisava ser decifrado do ponto de vista dos meios de produção disponíveis, dos órgãos de planejamento, dos fluxos migratórios etc.

Para além dos embates ideológicos que marcaram este período, procuramos paralelos entre arquitetos que souberam ler os “tempos de chumbo” através de um exercício crítico da profissão. No contexto dos anos 60 e 70, todos sabem, não foi tarefa fácil exercer plenamente a profissão. Muitas frentes foram abertas para que fosse possível dar continuidade, ainda que lentamente, à construção de uma arquitetura fortemente engajada no desenvolvimento do país. Nesta transição agrupamos certas arquiteturas que, aparentemente distantes quanto aos meios, se afinam quanto aos fins.

Construir uma nova arquitetura, transversal ao “Brasil-de-verdade”, nos termos de Lina Bo Bardi, menos focada no positivismo da nação, mais atenta à cultura popular. Neste fecho poderíamos especular inúmeros cortes que agrupam a geração pós-Brasília, deixaria, porém, de verificar qual o lugar de uma arquitetura que buscou projetar somente depois de entender “como se faz de verdade”. Na diversidade das arquiteturas pesquisadas, todas se rendem a este “Brasil-de-verdade”, todas enfrentaram primeiro a realidade de um país dependente, onde não bastaria apenas projetar para indústria, mas repensar, reinventar a indústria.

É neste sentido que vale a pena reunir ideias e obras tão diversas. Existia, no ânimo destes arquitetos, uma crítica contundente ao arquiteto que projeta alheio à realidade. Um posicionamento diante do contexto local, das possibilidades de uma nova arquitetura pela via do canteiro de obras. É em função deste fator comum – projetar a partir do contexto real – que arriscaria chamar estas arquiteturas como “utopias da realidade”.

O caráter utópico das arquiteturas estudadas não está no devaneio, na fuga da realidade, mas no ânimo de construir uma arquitetura ancorada nas possibilidades concretas do país. Lina Bo Bardi e o trio Arquitetura Nova têm trajetórias convergentes neste sentido, pois pensaram, antes,

a base produtiva que daria aporte à nova arquitetura. Joaquim Guedes e Acácio Gil Borsói trilharam caminhos mais diversos, experimentaram as demandas do mercado, mas deixaram as utopias de Cajueiro Seco e Caraíba, como quem pergunta: Como se faz arquitetura neste contexto?

Último arquiteto da geração pós-Brasília, Lelé atravessa essas trajetórias. Do CEPLAN, onde despontava o projeto da “grande industrialização”, à pequena Fábrica de Abadiânia, no interior de Goiás, vai dos anseios de uma geração que “pensava o país” à realidade mais local, possível, à arquitetura construtiva da pequena escala. Este é o sentido das utopias da realidade que seguem – menor na escala, porém mais arraigadas ao contexto, mais afinadas com as comunidades e com o domínio técnico popular. Um olhar distante poderia dizer que são esporádicas ou “pontuais”, mas as aproximações revelam de imediato a importância da apropriação do contexto em cada projeto estudado. Esta percepção é ainda mais visível nos anos 1980, quando saltamos dos ensaios construtivos à produção real da habitação popular. Nessa década continuam sendo utopias porque não são práticas majoritárias, não representam a massa da produção habitacional. Enfatizam, porém, mais ainda o sentido concreto daquela arquitetura experimental que, nos anos 60, indicava possibilidades de “outras arquiteturas”. Nas palavras de Joan Villà esta trajetória seria “a busca de uma síntese entre construção e arquitetura, na procura de uma expressão poética brasileira comprometida com as condições reais do país” (VILLÀ, 2005).

Distantes no tempo e no espaço a “geração do mutirão”, porém, se aproxima de uma certa arquitetura construtiva defendida outrora. Seguem sendo experimentais na forma de pensar o “fazer” arquitetônico, na forma de engrenar projeto e canteiro de obras. Essa engrenagem, porém, cruza outros dados. Uns mais relativos aos materiais, aos processos construtivos e às técnicas. Outros encaram a tecnologia como trabalho, explorando o canteiro de obras como um laboratório experimental para construção da moradia. Neste particular as utopias da realidade foram lançadas por Rodrigo Lefèvre e Guilherme Coelho.

Lefèvre ensaiava na pequena escala a hipótese de um canteiro-escola, uma abóbada cerâmica que abriga o trabalhador e permite o “fazer-prazer” no canteiro. Em Vila



Figura 3. Trabalhadores montam cobertura com painéis de argamassa armada para escola-modelo de Abadiania.
Fonte: LATORRACA, 2000.

Nova Cachoeirinha o “arquiteto pau-de-arara” (LIMA, 1989) é o protagonista deste canteiro, é ele quem faz a síntese entre os processos industrializados e a linguagem construtiva popular. Talvez o canteiro-escola seja a melhor tradução dessas utopias da realidade, um norte indicativo de que a solução para a moradia da pobreza deveria passar pelas mãos de quem lhe é de direito.

A liberdade para construir e o processo habitacional controlado pelo usuário eram as premissas defendidas por John Turner (1976). Pesquisando *in loco* as favelas da América Latina por quase uma década Turner estruturou uma crítica contundente aos imensos conjuntos habitacionais que “desenhavam” as periferias das grandes cidades. Um cerco de favelas que já não escondia a escala do problema, colocando em xeque a posição do Estado como provedor da habitação. John Turner não apontou apenas os erros, também indicou saídas que passavam pela “pequena escala” tão cara àquela arquitetura experimental, pensando como construir a casa popular apropriando-se de contextos específicos.

As perguntas iniciais desta pesquisa não colocavam suspeitas sobre a qualidade dos projetos escolhidos, mas sobre a escala ou o alcance dessas arquiteturas. Da tese de doutorado de Ana Paula Koury (2005), de onde retiramos a noção de uma “arquitetura construtiva”, entendemos a importância de uma revisão profunda na formação do arquiteto. Nas entrevistas buscamos ver o lugar desta arquitetura construtiva – arquitetos, engenheiros e trabalhadores da construção civil foram unânimes ao afirmar que existe uma lacuna imensa entre o traço no papel e a realidade do canteiro de obras. A velha dicotomia entre o canteiro e o desenho, apontada por Sérgio Ferro nos anos 60 e 70, estaria de pé não fossem algumas arquiteturas que insistem em construir utopias da realidade.

Sobre este aspecto, de fato, a escala da arquitetura experimental “não resolve”. É um farol, um norte para construção de bairros e cidades menos segregadas. A questão de fundo, porém, é mais profunda, pois coloca esta produção como uma alternativa ao projeto da “grande industrialização” sufocado na década de 1960. Sobre este ponto de vista o alcance da arquitetura experimental foi imenso; se contrapondo aos meios de coerção do trabalhador da constru-

ção civil, pensando um canteiro que pudesse ser, ao mesmo tempo, ferramenta de invenção de novos processos construtivos e lugares de inserção de uma classe marginalizada.

3. Vanguardas da periferia

Para além das utopias, questionávamos, no início da pesquisa, o lugar desses projetos no contexto da arquitetura brasileira, isto é, o papel coadjuvante dado aos arquitetos que se dedicaram à prática construtiva da habitação popular. Esta impressão parece mais real nos arquitetos do segundo período, a geração de 1980-1990, onde os termos da utopia social propaladas desde os anos 60 já estavam desgastados. Era o fim das velhas ideologias, nos termos de Daniel Bell (1980), mas não o fim das velhas contradições.

Diante do crescimento vertiginoso das periferias, desde os anos 70, a pesquisa buscou verificar as alternativas criadas, os caminhos, ainda que pequenos, que poderiam levar à construção de modelos habitacionais coerentes com o contexto do lugar. Foi, portanto, um salto do estágio de “ensaios”, característicos de alguns arquitetos dos anos 60 e 70, para condição real das periferias. Uma transição de concepção entre uma técnica / um *design* elementar, estruturadas por arquitetos que pensaram o quadro produtivo de nossa arquitetura, e as propostas concretas de uma nova arquitetura que conseguiu construir pequenos trechos de cidades, apontando, junto com as comunidades, um norte.

A chave de ligação entre os dois períodos é uma visão aguda do país, as vísceras do Brasil-de-verdade. É, reafirmo, o sentido da formação. Se Lina Bo Bardi e Sérgio Ferro se colocaram como interpretes do Brasil, lendo o calcanhar de Aquiles da arquitetura desenvolvimentista, nos anos 80 e 90 aparecem arquiteturas engajadas quanto à situação real das periferias brasileiras. Como bem lembra Francisco de Oliveira (2003), num país que mais parece um Ornitórrinco – “um gigante com pés de barro” – as periferias escancaram aquilo que deveria ser o campo prioritário de nossa arquitetura, uma possibilidade evidente de retomar um projeto não cumprido.

O tempo curto e o espaço estreito não fizeram jus, nesta pesquisa, a todos que se dedicaram a cumprir esse projeto.

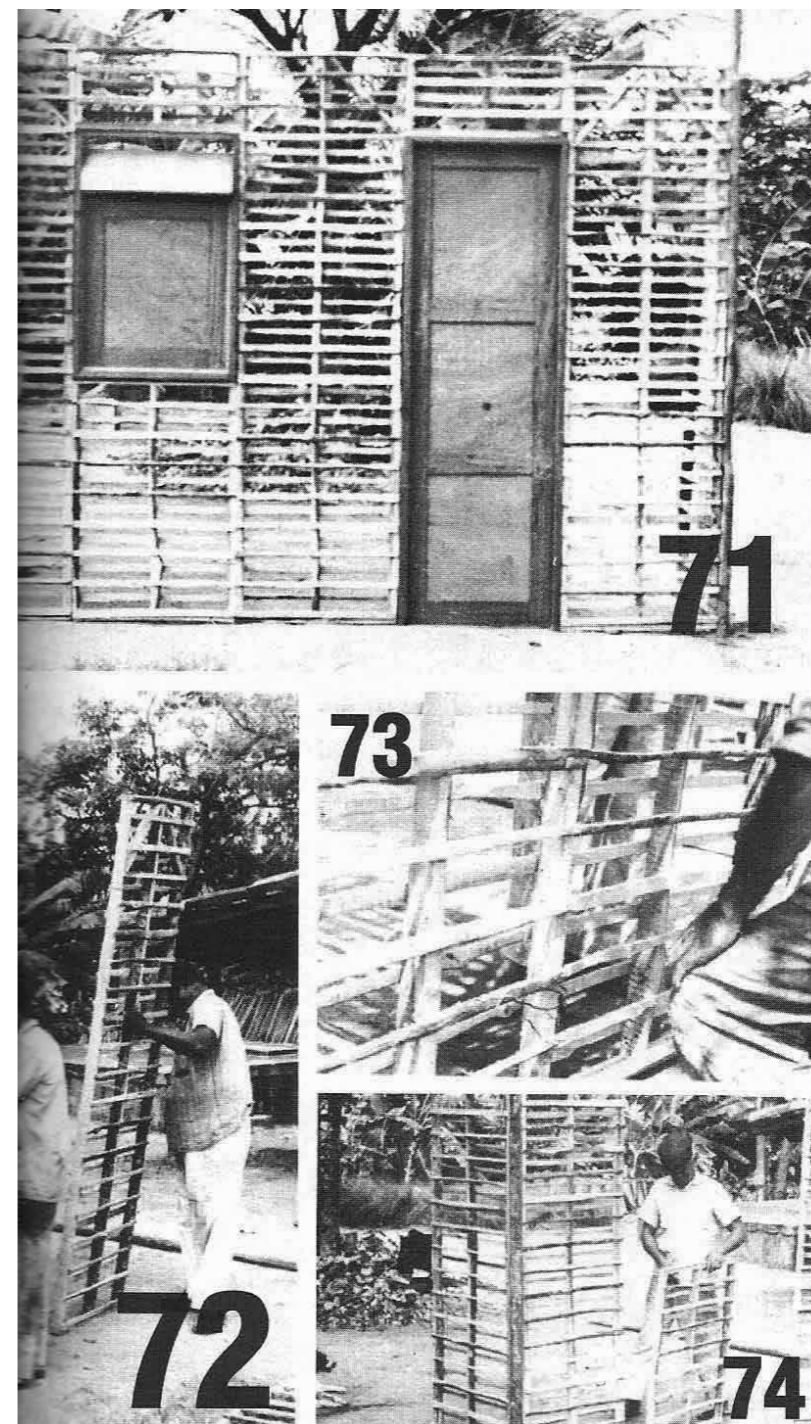


Figura 4. A taipa pré-fabricada de Acácio Gil Borsó em Cajueiro Seco: os caminhos do design autônomo pensado por Lina em Salvador em sua síntese mais elementar.
Fonte: SOUZA, 2010.

ASPECTOS DA PRODUÇÃO E ARMAZENAGEM DE ELEMENTOS PRÉ-FABRICADOS

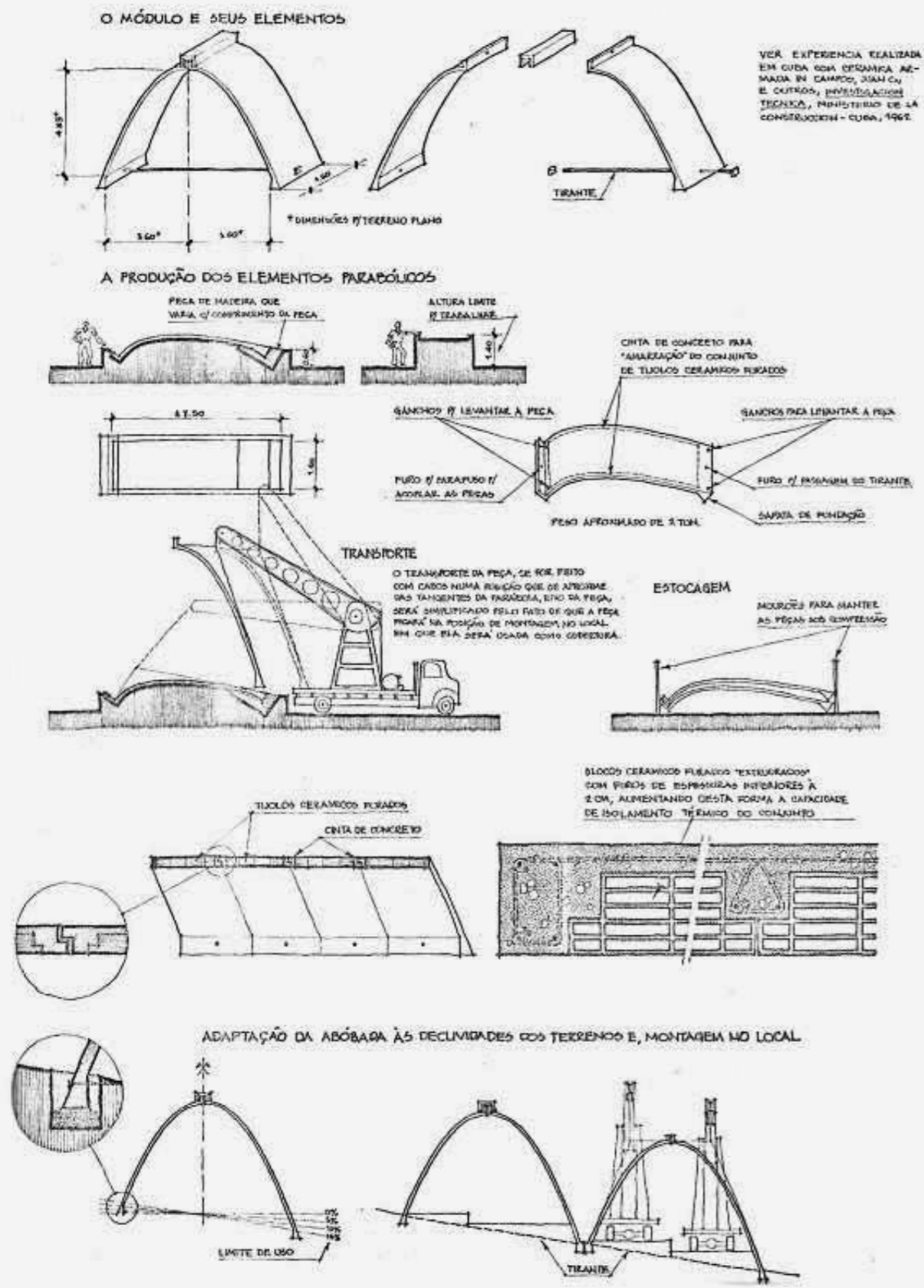


Figura 5. A partir do sistema construtivo das abóbadas, Lefèvre desenvolve estudos para processos pré-fabricados. Fonte: LEFÈVRE, 1981.

Uma leitura parcial, talvez, pois de fato tomamos partido de uma certa arquitetura construtiva – como objeto da pesquisa, e também como um questionamento do nosso *metier*. Foram criados parâmetros, porém, dos motivos de cada escolha, enfatizando as afinidades e as “rupturas”, e, sobretudo, que não se trata aqui de um campo uniforme de arquiteturas nem de discursos. São escolhas pontuais que representaram, algumas vezes, períodos de cada arquiteto, quando certos projetos explicam uma dedicação especial ao tema da moradia popular e dos processos construtivos. Uma trama aberta parece costurar o objeto em questão: o arquiteto e o canteiro, o arquiteto e o trabalhador, o arquiteto e os materiais disponíveis etc.

A condição de minoria coloca esta arquitetura na condição de “utopias da realidade”. Ao entrar nesta realidade tomando contato com as condições concretas da periferia, ganham, porém, um “diferencial”. O contexto das periferias – mais ou menos urbanas – não é apenas objeto de um projeto de arquitetura, são verdadeiros laboratórios sobre autoconstrução, sobre os espaços da casa popular, sobre a técnica, os materiais etc. Sobretudo nos anos 80 e 90 as condições de enfrentamento do canteiro de obras foram determinantes para que a arquitetura experimental saísse da condição de ideia para ganhar a forma de novos meios de produção habitacional.

Deste ponto de vista mais do que pioneiros quanto à defesa de uma arquitetura participativa, são experiências focadas no lugar, no contexto onde deve ser inserido uma forma particular de projetar e construir. O canteiro-escola de Rodrigo Lefèvre respinga, por isso, em outros projetos, certamente nas obras de Lina, como enfatizamos, mas também nos inteligentes módulos quadriculados de Cajueiro Seco, dizendo – “monte sua casa”; uma pedagogia do canteiro que também aconteceu na pequena fábrica de Abadiânia, de Lelé. Nos anos 80 os sinais de uma arquitetura participativa e construtiva ganham corpo e espaço; se consolidam como canteiros de “invenção tecnológica”, ganham escala, vão para grande periferia.

Se merecem ser tratadas como referenciais porque quebram determinados paradigmas, portanto também merecem sair da condição de “coadjuvante” citada, ou “arquitetos que fazem casas, e não pensam na cidade” como

dizem certas vozes duvidosas⁴. A trajetória desta pesquisa não tinha apenas o intuito de estabelecer paralelos, mas de verificar o lugar de fato dessas arquiteturas, o lugar de vanguardas. Porque vanguardas estão à frente e quebram paradigmas. É uma hipótese conclusiva que, já nos primeiros projetos – os casos estudados até 1980 – indicava os caminhos possíveis de uma outra arquitetura. Da concepção técnica, afinada as bases populares ou a “industrialização rudimentar”, como diz Lelé sobre Abadiânia, é possível rever uma certa “vitrine” da arquitetura brasileira.

Um questionamento sobre vanguardas do atraso, talvez – não tínhamos as bases tecnológicas para uma revolução nos modos de produção do espaço. Mas, incontestavelmente, são arquiteturas que pensaram como reconstruir as periferias com os dados do lugar. A escolha deste lugar pode ser Cajueiro Seco, Osasco, Sergipe, uma “casa ensaio”; diferentes escalas para o mesmo fim, experimentando tecnologias do trabalhador, processos construtivos e materiais “possíveis”, buscando resolver nessas periferias – ideais ou concretas – a moradia da pobreza. Vanguardas da periferia em oposição ao centro conservador, pois na terra arrasada desses lugares encontravam, como diz Joan Villà, possibilidades da nova arquitetura (ENTREVISTA, 2009).

Dos “tempos de grossura” à uma “arquitetura mecanizada da terra”, como queriam os arquitetos dos anos 80 (LOPES, 2012), esta pesquisa foi um tiro curto na busca por novos caminhos de construção da cidade e da moradia popular. Uma reflexão difícil sobre pensar o que é mais importante – a escala do déficit habitacional, hoje na casa de 7,2 milhões de unidades, ou arquiteturas experimentais que, na pequena escala, serviriam como um norte para os programas públicos de habitação?

Uma questão que toca no cerne do problema da produção em massa de habitação, uma vez que o problema atual não seria a capacidade produtiva, mas sim a qualidade do projeto. De outra forma: se houve algum salto tecnológico – em mecanização da construção – as velhas contradições do canteiro permanecem. Do que levantamos até aqui, das arquiteturas mais diversas na escala e no lugar, temos alguns índices de que bons projetos habitacionais passam, sempre, por uma leitura cuidadosa do contexto, uma análise criteriosa dos usos, pela ação participativa do usuário.

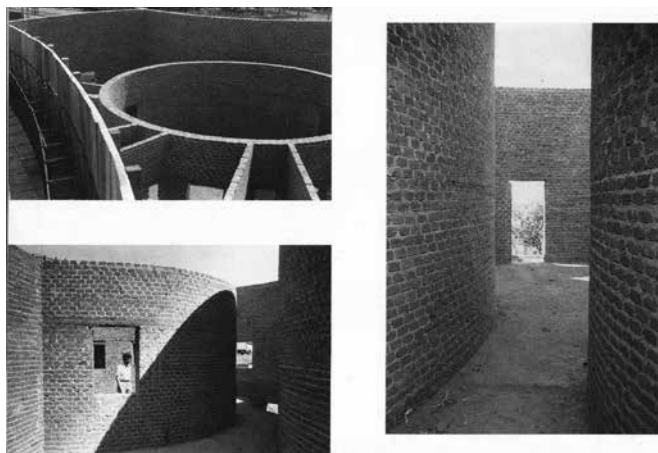


Figura 6. A Igreja Espírito Santo do Cerrado, em Uberlândia, de Lina Bo Bardi.
Fonte: FERRAZ; LATORRACA, 1999.

As arquiteturas da construção, por outra via, deixaram mostras desse caminho. Justamente porque não eram apoias da técnica – um dos erros graves da arquitetura desenvolvimentista – mas apropriações da técnica, tentativas de inserir o trabalhador dentro do processo criativo do canteiro de obras. Talvez esse seja um dos dilemas na síntese difícil entre manufatura e indústria, entre o braço mecânico e a técnica artesanal. Um sinal de que as “soluções” poderiam – deveriam? – surgir de dentro das comunidades, pela capacidade de transformação das periferias que, levantadas do chão, conseguem se reconstruir cotidianamente.

Referências Bibliográficas

ANDREOLI, Elisabetta; FORTY, Adrian (orgs.). *Arquitetura Moderna Brasileira*. Londres: Phaidon, 2004.
ARANTES, Otilia; ARANTES, Paulo. *Sentido da formação*: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
ARANTES, Pedro Fiori. *Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre*: de Artigas aos mutirões autogeridos na periferia de São Paulo. São Paulo: Editora 34, 2002.
Arquitetos brasileiros. Paris: Institut Français D’architecture; Brazil Agency for Inter Rel, 1987.
BARDI, Lina Bo. *Tempos de Grossura*: o design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, 1994.
BELL, Daniel. *O fim da ideologia*. Brasília: Editora Unb, 1980.
BIERRENBACH, Ana Carolina de Souza. Conexão Borsói – Bardi: sobre os limites das casas populares. *Risco*: revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo, São Carlos, EES-C-USP, n.7, p.49-61, 2008.
BONDUKI, Nabil Georges. *Construindo territórios de utopia*: a luta pela auto-gestão em projetos habitacionais em São Paulo. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.
BORSÓI, Acácio Gil. *Cajueiro Seco*: o caminho interrompido da autoconstrução industrializada. Projeto, São Paulo, n.66, ago. 1984.
BRUNA, Paulo J. V. *Arquitetura, industrialização e desenvolvimento*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
CARVALHO, Caio Santo Amore de. *Lupa e Telescópio*: o

mutirão em foco. São Paulo, anos 90 e atualidade. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
COMAS, Carlos Eduardo Dias. *O espaço da arbitrariedade* – considerações sobre o conjunto habitacional BNH e o Projeto da cidade brasileira. São Paulo: Projeto, 1986.
ENTREVISTA de Joan Villà. *Revista AU*, n.186, set. 2009.
FERRAZ, Marcelo Carvalho (org.). *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Empresa das Artes, 1993.
FERRAZ, Marcelo Carvalho; LATORRACA, Giancarlo (orgs.). *Igreja Espírito Santo do Cerrado*. São Paulo; Lisboa: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi; Blau, 1999.
FERRO, Sérgio. *Arquitetura e Trabalho livre*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
GINZBURG, Carlo. *O Fio e os rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
GUEDES, Joaquim. *Um projeto e seus caminhos*. Tese (Livredocência) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.
HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. In: ____ . *Ensaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001.
KOURY, Ana Paula. *Arquitetura Construtiva*: proposições para a produção material da arquitetura contemporânea no Brasil. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
KOURY, Ana Paula. *Grupo Arquitetura Nova*: Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro. São Paulo: Edusp; Romano Guerra, 2003.
LATORRACA, Giancarlo (Org.). *João Filgueiras Lima - Lelé*. São Paulo; Lisboa: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi; Blau, 2000.
LEFÈVRE, Rodrigo Brotero. *Projeto de um acampamento de obra*: uma utopia. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.
LIMA, Aluísia M. F. de. *Arquiteto pau-de-arara*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
LOPES, João Marcos. *Sobre arquitetos e sem-tetos*. Tese (Livredocência) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2012.
MARICATO, Hermínia (org.). *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo: Alfa-ômega, 1982.

MOURA, André Drummond Soares. *Novas soluções, velhas contradições*: a dinâmica cíclica da industrialização em sua forma canteiro. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista, o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.
OLIVEIRA, Francisco de. O vício da virtude – autoconstrução e acumulação capitalista no Brasil. *Novos estudos*, São Paulo, CEBRAP, n.74, p.67-85, mar. 2006.
PEREIRA, Juliano. *Lina Bo Bardi*: Bahia, 1958-1964. Uberlândia: Ed. UFU, 2008.
POMPÉIA, Roberto A. *Os Laboratórios de Habitação no ensino da arquitetura – uma contribuição ao processo de formação do arquiteto*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
REBELLO, Yopanan C. *A concepção estrutural e a arquitetura*. São Paulo: Zigurate editora, 2000.
RISSELADA, Max. *A arquitetura de Lelé*: fábrica e invenção. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2011.
ROSSO, Teodoro. *Racionalização da Construção*. São Paulo: Edusp, 1980.
SAMPAIO, Maria Ruth (org.). *Habitação e Cidade*. São Paulo: FAU-USP; FAPESP, 1998.
Segawa, Hugo. Resíduo de utopia. *Projeto*, São Paulo, n.162, p.48-9, abr. 1993.
Serapião, Fernando. *Joan Villà. Projeto-Desing*, São Paulo, n. 361, mar. 2010.
SILVA, Paulo Sérgio Souza. *Ajuda mútua e autogestão na produção da habitação de interesse social e do ambiente urbano: o caso de Vila Nova Cachoeirinha*. In: SAMPAIO, Maria Ruth (org.). *Habitação e Cidade*. São Paulo: FAU-USP; FAPESP, 1998.
SOUZA, Diego B. Inglez de. *Reconstruindo Cajueiro Seco*: arquitetura, política social e cultura popular em Pernambuco (1960-1964). São Paulo: Annablume; FAPESP, 2010.
TURNER, John F. C. *Libertad para construir*: el proceso habitacional controlado por el usuário. México: Siglo veintiuno editores, 1976.
VILLÀ, Joan. *Construções*. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2005.

Notas

1. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Escola da Cidade - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (2012). Atualmente é graduando em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
2. Os documentários da Caravana Farkas, em especial Viramundo, que trata da situação do migrante no auge da industrialização de São Paulo, e A mão do povo, dedicado aos estudos de Lina Bo Bardi, são índices dessa interface.
3. Entre as obras de João Filgueiras Lima – Lelé – foram estudados os equipamentos públicos construídos pela RENURB, em Salvador, e as escolas pré-fabricadas de Abadiania.
4. É recorrente a crítica de que “o mutirão não desenha a cidade”. Entretanto os próprios termos da crítica já indicam o viés ideológico de quem o faz.